



**Classe  
de 2025**

**As novas  
caras do  
cinema  
português**

**+E**





TEXTOS **RUI PEDRO TENDINHA**  
CRÍTICO DE CINEMA  
FOTOGRAFIAS **TIAGO MIRANDA**

Num país sem star system, fomos descobrir os atores que, além das telenovelas, conseguem papéis regulares no grande ecrã. Joana Santos, Gonçalo Almeida, João Vicente e Isabél Zuaa têm estado em destaque no cinema português — e não só



# S

empre se supôs que o cinema português não fosse muito amante de atores. Erro, erro grande: cineastas como José Álvaro Morais, Manoel de Oliveira, João César Monteiro ou José Fonseca e Costa sempre gostaram de atores, mesmo quando não faziam filmes de atores. Mas a verdade é que cada vez surgem mais filmes portugueses que vivem do trabalho de atores. Com isso, revelam-se novos rostos e talentos. O cinema português, mesmo a pagar mal, precisa de atores e nos próximos tempos vai oferecer-nos filmes em que as interpretações são o grande motor.

Quem for agora aos cinemas ver a comédia dramática “Os Infanticidas”, de Manuel Puzos, fica a conhecer um quarteto fantástico: Luís Lobão, Anna Leppänen, Joana Campelo e João Vicente, jovens adultos a tentar superar as crises da síndrome de Peter Pan. Atores que nos obrigam a olhar para eles com energia, pelo menos isso.

Também por esta altura assistimos à ‘explosão’ de Joana Santos em “On Falling”, de Laura Carreira (ver crítica na pág. 56), o muito premiado filme que nos mostra a cruel solidão de uma emigrante portuguesa num centro de recolhas de encomendas, bem como a desumanização das novas práticas laborais. É uma Joana Santos longe do registo das novelas, em que participa habitualmente, e a revelar uma fragilidade de um realismo social impressionante — não é de estranhar que a companhia britânica na coprodução seja a de Ken Loach, a Sixteen Films.

A par desses filmes surgirão outros, nos próximos tempos, cheios de atores portugueses que são bons em cinema, que encham o ecrã, mesmo que muitas vezes fiquem demasiado tempo sem trabalhar, falhando na continuidade. Ainda assim, parece então haver uma vaga nova. Deixamos quatro exemplos de atores com uma visibilidade em cinema apreciável e esperançosa.

## Isabel Zuaa

### UMA ARTISTA TOTAL QUE IMPRIME EM CINEMA

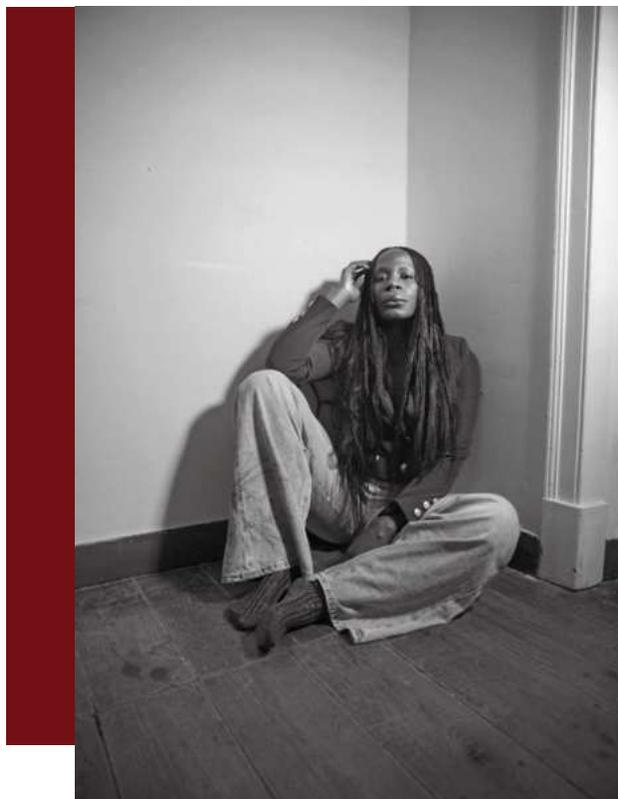
Um ator de cinema não tem de ser bom em televisão ou em teatro. Isabel Zuaa, 37 anos, não quer saber disso e tenta ser perfeita em tudo o que faz. É por isso que no Brasil é mais conhecida do que em Portugal, tendo já sido premiada muitas vezes por filmes feitos do outro lado do Atlântico como “Um Animal Amarelo”, de Felipe Bragança; “Joaquim”, de Marcelo Gomes, ou “Novelo”, de Cláudia Pinheiro. Aliás, essa sua estratégia de estar entre Portugal e o Brasil permitiu-lhe agora um papel em “O Agente Secreto”, o novo de Kléber Mendonça Filho, já apontado à seleção oficial de Cannes 2025.

Quando a encontramos em Lisboa a preparar dois espetáculos, diz-nos estar a levar muito a sério o seu solo com uma personagem que vem desenvolvendo há algum tempo, a sua afro-saloia, que tem muito a ver consigo: uma mulher negra que nasceu

e cresceu na periferia de Lisboa e que não tem medo do piroso, convocando sempre as suas raízes africanas, entre a Guiné e Angola. “São muitos pés: preta, periférica, portuguesa, potente e pirosa”, conta, fazendo questão de lembrar que não é só uma atriz, mas sim uma criadora multidisciplinar: canta e dança nos seus espetáculos, uma sacerdotisa diva que é também a menina do bairro.

No cinema tem outra aura, bem mais potente. O seu rosto e presença comportam uma carga pesada. Quem a viu no inqualificável “As Boas Maneiras”, de Marco Dutra e Juliana Rojas, percebe que do seu corpo pode sair algo que se assemelha a perigo, coisa complexa. “Sim, tenho feito papéis pesados, mas quero fazer o contraditório, ir além disso da preta poderosa e vingadora. Desejava no cinema trazer vulnerabilidade, ironia e brincadeira.”

Essa relação com o cinema nasceu cedo, quando no Curso da Escola Superior de Teatro e Cinema começou, aos fins de semana, a fazer curtas de jovens estudantes, neste caso da Lusófona. Foi aí que ganhou a noção do trabalho perante uma câmara, mas o filme que a lançou foi, em 2017, “Joaquim”, no qual contracenava com Nuno Lopes e outro luso-africano muito em alta por estes dias, Welket Bungué. Era o prémio por ter apostado no Brasil para desenvolver o seu trabalho como atriz e performer. A partir daí, não parou no Brasil e tem mesmo uma agente de topo, conseguindo fazer o papel de mulheres



brasileiras — o seu sotaque português-brasileiro não a denuncia.

Apesar de estar entre os dois países, Isabel Zuua tem feito os seus melhores papéis no Brasil, embora já tenha sido notada em “Um Filme em Forma de Assim”, de João Botelho, e na série “Diálogos depois do Fim”, de Tiago Guedes, sendo que para 2025 tem participação em três projetos aguardados: “Projeto Global”, de Ivo Ferreira, “Amanhã já não Chove”, do estreante Bernardo Lopes, e “A Queda”, de Simão Cayatte. O balanço é impressionante e na Globo Play será uma das protagonistas da série brasileira “Reencarne”, apresentada com alarido na última Berlinale.

Por cá, já recusou alguns filmes: “Alguns projetos vêm com estereótipos que não me interessa perpetuar. São filmes que corroboram muito numa certa falta de subjetividade sobre as personagens negras. Seja como for, quero realçar que estou superaberta ao cinema português.”

Já a desvendar o tão esperado novo Kléber Mendonça Filho, “O Agente Secreto”, tão-só o filme brasileiro mais esperado do ano, Isabel Zuua confirma que tem um bom papel: “A personagem conta algumas das histórias que a mãe do Kléber contava para ele. Trata-se de uma mistura entre a mãe do realizador e uma amiga angolana em exílio no Recife, que eles tinham. O Kléber foi extraordinário comigo e estou com muita curiosidade. O preparador de elenco do filme enviou um recado do Kléber a dizer

que estou maravilhosa no filme! Trabalhar no cinema brasileiro tem isso! Essa gentileza na troca humana. Sinto que toda essa gentileza traz potência para as obras. É como se o corpo se expandisse por estarmos à vontade, ficamos sem tensões no pescoço, nas costas...”

Além de a vermos nesses filmes já feitos, Isabel, com o acento no é, vai continuar a fazer mais cinema no Brasil. Vê-se, presente-se que está feliz com isto tudo: “Desde criança que sempre quis fazer tudo. Preciso de diversidade da minha vida! Não consigo fazer apenas só uma coisa. Escrevo, faço teatro, curadoria para um festival da Aurora Negra, a minha companhia, fiz uma curta experimental minha no Brasil, mas também estou a escrever uma série e um filme. A cantora Xênia França tem uma frase que diz: ‘Tudo eu espero, tudo eu me entrego.’ Isso sou eu: se vou às coisas mergulho, mas não gosto de mergulhos rasos, gosto de mergulhos profundos. Sou assim nas relações, nas amizades, na família, no trabalho. O meu trabalho é uma extensão do que sou.” Haja fôlego.

## Gonçalo Almeida

### E QUE TAL UM JOVEM GALÃ?

“Sortudo” é a palavra recorrente que o jovem Gonçalo Almeida não consegue evitar para explicar como chegou até aqui, ou seja, a um momento em que o cinema português reparou nele, sobretudo

através de uma premiadíssima curta de Luís Campos, “Monte Clérigo”, um olhar com *twist* sobrenatural sobre a situação dos migrantes asiáticos no Sudoeste alentejano. Mas será que uma curta pode lançar um nome? Digamos que pode, se esse ator tiver graça de câmara e se mostrar um talento evidente. O que Gonçalo faz nesse filme não engana: está ali um rosto de cinema, a fazer lembrar o James Franco dos primeiros tempos.

Agora, parece lançado, em especial depois de ver o seu nome na série da Prime Video “Those About to Die”, onde partilha a ficha técnica com Anthony Hopkins numa intriga passada na Roma antiga e onde o português interpreta um espanhol num papel de relevo.

Nesta vaga de convites, Gonçalo Almeida disse sim a um novo projeto ainda secreto de Carlos Conceição com ópera ao barulho, mas garante não querer escolher nomes de cineastas portugueses — confia no destino. “O mais difícil agora é manter-me nesta fase boa. Há sempre muitos novos talentos e atores a surgir e os próprios papéis parecem pedir pessoal mais jovem, o que é normal, apesar de eu ser tecnicamente jovem, com 24 anos.”

Na primavera vamos vê-lo na sua primeira longa, “A Pianista”, de Nuno Bernardo, onde é protagonista, ao lado de Miguel Borges e Teresa Tavares. Afirma estar muito curioso com o resultado final: “Tudo o que fiz no ano passado já foi com mais à vontade. Voltei da série da Amazon com as ideias mais claras e ajudado estar ao lado de um elenco e de uma equipa tão fixes, numa zona remota fora de Lisboa. Enfim, diria que tive um arco para fazer as coisas de maneira tranquila. Não sei se tive a pressão da primeira longa. Ao longo destes tempos aprendi a colocar as coisas em perspetiva e acreditar que cada trabalho é um de muitos mais que virão. A única certeza que tenho é que tentarei dar sempre o meu melhor. Por isso, as minhas expectativas são sempre positivas.”

Também no ano passado esteve às ordens de um cineasta que o já descobriu: Leonel Vieira, em “Vi-tória”, um projeto que não é para o cinema mas sim para televisão, mais precisamente para a RTP.

Gonçalo está ciente que, com mais séries e algumas apostas de *streaming*, o sonho de fazer cada vez mais cinema não é tão quimérico. Pelo menos, o audiovisual mexe em Portugal e começam a surgir mais agentes de atores, publicistas e diretores de *casting*. “Quando falo com atores mais velhos dizem-me que antigamente era mais difícil e que o *networking* não estava tão bem construído para descobrir os atores mais jovens. Com a internet tudo se tornou mais fácil e económico para os próprios agentes se porem em contacto com o pessoal mais jovem e vice-versa. Pode é haver mais concorrência, mas isso também é positivo”, diz.

Formado na Escola Profissional de Teatro de Cascais, Gonçalo Almeida não acha que a exposição nas novelas seja nociva para um ator que tenha aspirações no cinema: “As novelas são uma escola para os atores, sobretudo os mais jovens. Com a cara em diferentes projetos, não ficamos tão rotulados. A minha ausência das novelas desde 2021 não é estratégica.” Ainda assim, é certo e sabido que certos cineastas preferem atores sem o peso do reconhecimento da telenovela. Cineastas da novíssima geração como Pedro Cabeleira, Pedro Henrique ou Paula Tomás Marques são prova disso, embora, por outro lado, atores *habitués* do nosso cinema tenham feito novela, como são os exemplos de



Albano Jerónimo, Anabela Moreira e, mais recentemente, Nuno Lopes.

Sobre a sua carreira internacional, admite que tem de gerir as expectativas depois de “Those About to Die”, mas também sabe que é um excelente cartão de visita quando lhe pedem *self-tapes* para outras produções internacionais: “Foi um projeto mesmo bom, mas, como todos esses projetos, não podem estar sempre a acontecer, porque acabariam por perder a sua importância.” Custa a crer é que em Portugal não se tenha falado tanto desta sua participação.

## Joana Santos

### A QUEDA PARA O GRANDE ECRA

O discurso gasto de ser “a menina das telenovelas” já não cola com Joana Santos. Aliás, provavelmente, nunca colou, mas depois da explosão de “On Falling”, de Laura Carreira, o filme português mais premiado recentemente (venceu em San Sebastián a Concha de melhor realização e a atriz conta com dois prémios internacionais), já ninguém olhará para ela com esse olhar redutor. A sua *picker* emigrante na Escócia é o chamado papelão de uma carreira, uma imersão deveras impressionante num estado de alma de alguém alienado graças a um sistema laboral de pura exploração. As suas expressões de solidão extrema com o olhar agarrado ao seu telemóvel, a sua única companhia no trabalho e no apartamento que partilha, são de um estremecimento tremendo. É como se houvesse um apagamento, ao nível de um minimalismo que o cinema raramente consegue.

“Quando soube que fiquei com este papel fiquei muito assustada e com vontade de dizer que não ia, que se tinham enganado. Fui dois meses para a Escócia e aí a minha esperança era tentar perceber quem realmente era esta mulher. Mas depois ajudaram os muitos ensaios que tive com a realizadora: conversámos muito e vi ainda imensos vídeos desses armazéns de encomendas. Fiquei muito mais tranquilizada e ganhei um certo conforto. Foi espetacular”, refere. E espetacular estão a ser as críticas após a estreia no Reino Unido, não faltando elogios extremos de cineastas como Joanna Hogg ou Ken Loach. Mas é a própria atriz quem acredita que todo este chamariz do filme vai projetar mais a realizadora Laura Carreira: “Tudo isto vai abrir-lhe muitas portas. Quanto a mim, ainda estou a apalpar terreno, embora tenha já recebido montes de mensagens no Instagram de pessoas que viram o filme nos festivais. Ainda estou a encaixar o sucesso do filme.”

Curiosamente, já antes, em 2022, em “Vadio”, de Simão Cayatte, companheiro da atriz, Joana Santos tinha mostrado um alcance dramático surpreendente, interpretando uma mãe solteira a contas com um problema de alcoolismo. Um filme que lamentavelmente foi lançado sem promoção e que confirmava o que se vira dela já em pequenas participações em obras como “Um Filme em Forma de Assim”, de João Botelho, e “Noite Serena”, de Eric Styles, o filme de despedida de John Hurt, rodado em Loulé, mas sobretudo numa curta que deveria ter sido longa, “Menina”, de Simão Cayatte. Agora, aproveitando esta boleia de uma bela vaga, tem para estreiar ainda “Mal Menor”, de Sebastião Salgado, onde mais uma vez faz parilha com o amigo Ricardo Pereira.

Como muitos dos seus colegas, percebe que o grande óbice para um ator português fazer mais cinema é o próprio cinema português: “É frustrante

pensar-se em quantidade: somos um país muito pequeno, com muitos atores e, às vezes, as oportunidades não surgem para todos. Acredito também que há falta de *castings* — deviam existir mais! Mas também é válido o realizador escolher voltar a trabalhar com quem já conhece, embora no caso da Laura Carreira, por já não viver cá há alguns anos, ela não fizesse ideia de quem eu era. Abriu o *casting* a muitas atrizes e escolheu-me porque achou que eu era a melhor para interpretar aquela personagem. Mas em Portugal continuam ainda a colocar-nos em gavetas. Temos de nos abrir mais, por isso — nos à prova.”

Aos 39 anos e com dois filhos, Joana Santos adianta que não acha normal que em Portugal um ator tenha um maior cachê por fazer uma novela do que uma longa-metragem, mas confirma que é assim que funciona o sistema.

Apesar de ter começado nas telenovelas muito nova e sem formação, foi em “Alice”, de Marco Martins, que teve o seu primeiro papel, embora tenha ficado de fora do corte final. No meio das participações em novelas conseguiu ainda dois papéis bem significativos em filmes que não foram descobertos pelo público: “O Que Há de Novo no Amor?”, de um coletivo de realizadores do curso de cinema do Conservatório, e “Assim Assim”, de Sérgio Graciano. Como se percebe, pelo meio da ficção televisiva, o cinema nunca a abandonou:

“Nessa altura tinha complexos por ter começado em televisão e não ter formação. Achava que quase não merecia fazer mais, era uma parva... Mas ao longo do tempo acho que consegui mostrar o meu talento e que era isto o que queria fazer.” Queremos e merecemos ter mais Joana Santos em filmes portugueses.

## João Vicente

### A HORA NOBRE DOS 37

Quem está atento ao teatro nacional já percebeu que João Vicente é um dos príncipes da interpretação em Portugal. É nos palcos que este talento de 37 anos, formado na Escola Superior de Teatro e Cinema, mais se tem destacado. Quando faz cinema há também nele uma luz, uma força que se partilha. A graça de palco torna-se graça de câmara.

“Quando estava a pensar em ser ator vi um filme que me fez levar isso mais a sério. Era o ‘Coisa Ruim’ [de Frederico Serra e Tiago Guedes]. Foi o primeiro filme português com o qual me conectei. O cinema foi muito importante na minha escolha de profissão”, começa por dizer, mesmo confessando que vem do teatro.

Por estes dias é um dos protagonistas de “Os Infanticidas”, de Manuel Pires e, mesmo tratando-se de uma adaptação da peça de Luís Lobão, nele João Vicente é tudo menos teatral. Há risco no



seu *acting*: sabe ser suave, dominante e absorvente, sem nunca se mostrar impositivo. Tudo o que já fazia transparecer em “Natureza Humana”, de Mónica Lima, curta-metragem preciosa que venceu o Curtas Vila do Conde, mais outro lembrete que é nesse formato curto que se descobrem atores

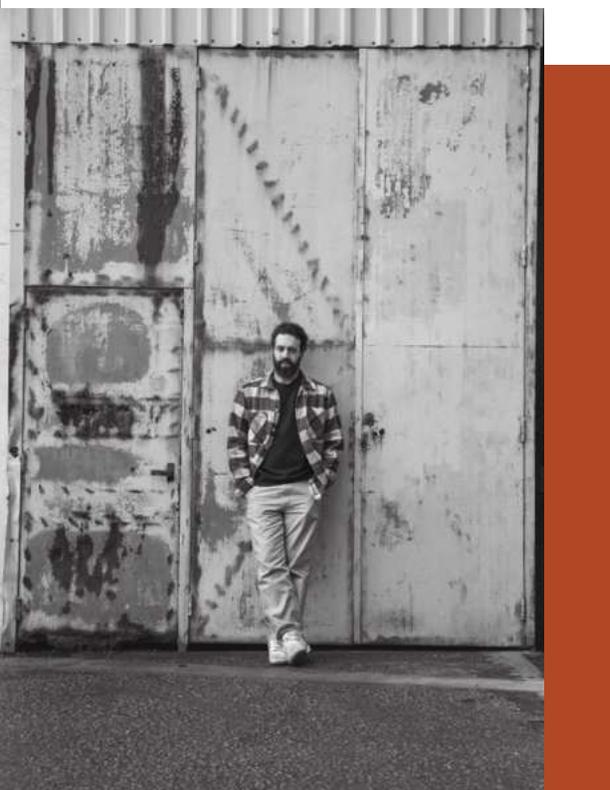
A sua hora no cinema português pode ficar visível ao longo deste ano com mais dois filmes. Está prontíssimo “Óculos Escuros Pretos”, uma primeira obra de Pedro Ramalheite, e “Ilhas”, de Mário Patrocínio, outra obra de estreia em que contracena com Joana Ribeiro e Miguel Borges. Era bom que houvesse uma continuidade. João assina por baixo: “É difícil manter uma presença, um trabalho que as pessoas de alguma forma reconheçam. E temos muitos atores, o que dificulta essa ideia de continuidade. Talvez não haja espaço para todos, por muito que seja bom termos muitos atores a serem formados. A nossa indústria de cinema não é bem uma indústria e este ‘mercado’ — temos mesmo que colocar aspas — não chega para todos.”

Antes deste novo fôlego, João Vicente fez-se notar em alguns filmes com bons papéis de elenco, ao mesmo tempo que conseguia uma carreira entre televisão e o teatro. Destacam-se as participações em “Linhas de Sangue”, de Sérgio Graciano e Manuel Pureza; “A Herdade”, de Tiago Guedes, e o seu Freitas do Amaral em “Snu”, de Patrícia Sequeira. Em “Pôr-do-sol: O Mistério do Colar de São Cajó”, também de Pureza, era dos que tinham mais piada.

O ator português terá condições de se transcender numa longa? “Não há muito tempo para uma preparação que dê ao ator disponibilidade para se transcender. Claro que tudo depende da ligação que se tem com o guião, do próprio percurso do ator e da ressonância que o papel pode ter no momento — aí é perfeitamente possível poder acontecer a transcendência.”

E se é verdade que os números do cinema português continuam miseráveis, o ritmo de estreias e de produções não abranda. Essa ausência de público que agora no teatro não se sente não desmotiva os atores. O cinema é sempre atraente e João Vicente não desiste: “É preciso resistir, continuar a fazer! Sinto que eventualmente há um problema de divulgação — há sempre aquela ideia de que o nosso cinema é mal produzido ou que é uma seca. Temos de continuar a querer fazer coisas para que as pessoas se liguem.” Palavras de resiliência de um ator que se recusa a ter redes sociais (apenas tem uma página pessoal no Facebook): “Isso desvia muito daquilo que devia ser o nosso trabalho, por muito que possa ser útil para a divulgação dos nossos trabalhos. Mas muitas vezes é o critério fundamental para a escolha dos atores e acho isso uma estupidez! É mesmo idiota! Não pode valer tudo, não quero ter.” Parece o mesmo discurso de Ethan Hawke quando criticou a escolha de atores em Hollywood pelo alcance dos seguidores nas redes. ●

e@expressoimprensa.pt



## UMA FORNADA DE ROSTOS DE CINEMA

Com *likes* ou sem *likes*, há uma nova geração de rostos que tem tido destaque. Por exemplo, Rui Pedro Silva parece ser a “next big thing”: está em dois filmes vindouros, e na série “Sempre”, de 2024, já se mostrou notável. Mas também nomes como Diogo Fernandes, Vicente Gil e Miguel Amorim mostram um imenso potencial. Rodrigo Tomás, que era um dos protagonistas em “Rabo de Peixe”, vai explodir em “Projeto Global”, tal como o seu colega José Condessa, que estará em “Honeyjooon”, de Lilian T. Mehrel, escalado para abrir o Festival Tribeca. Rita Cabaço, por seu turno, vai capitalizar o seu protagonismo em “O Vento Assobiando nas Gruas”, de 2023, e Isac Graça não pára de figurar no elenco de filmes de gente como João Nicolau e Ivo Ferreira. Depois, há ainda revelações como Filipe Amorim (“Chuva de Verão”), João Estima (vai ser visto no novo de João Botelho, “As Meninas Exemplares”) e Vicente Wallenstein (foi este ano, em Berlim, o representante português da iniciativa Shooting Stars). Também Francisco Froes, revelado por António-Pedro Vasconcelos em “Parque Mayer”, está em alta, bem como João Arrais, que marca presença no cartaz de um par de filmes de Carlos Conceição. Desta nova geração, é impossível não apostar forte em Júlia Palha (“Hotel Amor”), João Pedro Mamede (“Diálogos Depois do Fim”), Crista Alfaiate (“Grand Tour”) ou Jani Zhao (“Projeto Global”). Já com maior percurso, mas lugar cativo nos ecrãs nacionais, temos Vitória Guerra, Miguel Nunes e Joana Ribeiro. De uma geração anterior há ainda um conjunto de atores que têm conseguido ser *habitúes* do nosso cinema: João Pedro Vaz, Albano Jerónimo, Ivo Canelas, Carlotto Cotta, Isabel Abreu, Beatriz Batarda, Ricardo Pereira, Anabela Moreira, Rafael Morais, Nuno Lopes, Gonçalo Waddington e, mais recentemente, Romeu Runa. Lá fora, brilham Welke Bungué, Daniela Melchior, Alba Batista, Pepé Rapazote e os sempre presentes Maria de Medeiros e Joaquim de Almeida. / R.P.T.

# SUMÁRIO

EDIÇÃO 2735 | 28/MARÇO/2025



## 38

### Garry Kasparov

Entrevista ao recordista de títulos mundiais de xadrez, que dá palestras sobre inteligência artificial e continua a ser o grande ícone vivo da União Soviética

### FICHA TÉCNICA

Diretor  
**João Vieira Pereira**

Diretor-Adjunto  
**Miguel Cadete**  
mccadete@impreso.pt

Diretor de Arte  
**Marcos Grieco**

Editor  
**Ricardo Marques**  
rmarques@expresso.impreso.pt

Editor de Fotografia  
**João Carlos Santos**

Coordenadores  
**Lia Pereira**  
lpereira@blitz.impreso.pt

**Luís Guerra**  
lguerra@blitz.impreso.pt

Coordenadores Gerais de Arte  
**Jaime Figueiredo** (Infografia)  
**Mário Henriques** (Desenho)

Impressão  
**Einsa Print S.A.**



FOTOGRAFIA DA CAPA: CORTESIA DE ANA ISABEL ABREU LOUREIRO

## figsa

**7 | Café**  
Quanto bebemos e quanto pagamos

**10 | O Que Eu Andei Para Aqui Chegar**  
Um currículo visual de José Manuel Rodrigues

**12 | Planetário**  
Um livro chamado "Borboleta" Por João Pacheco

## +E

**14 | Isabel da Nóbrega**  
Marcou a sociedade conservadora do Antigo Regime pela liberdade com que escolheu os seus amores. Escritora premiada e autora do inovador "Viver com os Outros", é muitas vezes recordada pela relação de quase 20 anos com José Saramago, que tentou apagá-la da sua obra. No ano em que se assinala o centenário do seu nascimento, revelamos detalhes de uma vida ímpar

**24 | As novas caras do cinema português**  
Fomos descobrir os atores que, além das telenovelas, conseguem papéis regulares no grande ecrã

**30 | E do velho novo nasce**  
Marvila, Cais do Sodré, Desterro, Alcântara. Grandes conjuntos arquitetónicos que o tempo transformou em ruínas do passado dão lugar a uma Lisboa cheia de vida

## Culturas

**45 | E depois de "Adolescência"?**  
Quatro horas de vertigem sobre violência juvenil. é a série do ano

**48 | As damas e o tigre**  
Em 2009, "Femina" mostrou Legendary Tigerman entre as mulheres. O disco que ia arruinando o seu criador é agora celebrado com três concertos

**50 | Lucinda Childs**  
Nos 50 anos da Companhia, a histórica coreógrafa apresenta-se no Porto

**52 | Livros**  
"Inventário de Sonhos", de Chimamanda Ngozi Adichie

**56 | Cinema**  
"On Falling", de Laura Carreira

**58 | Música**  
Rão Kyao e o "Fado Bambu"

**60 | Teatro & Dança**  
"Cry Why", de Moritz Ostruschnjak, em Guimarães

**62 | Exposições**  
"31 Mulheres. Uma Exposição de Peggy Guggenheim", no MAC/CCB

## Vícios

**65 | No mundo das diversões**  
Os parques temáticos estão a evoluir para uma nova geração, com experiências imersivas para todas as idades. Em muitos casos, são só acessíveis de carro

**68 | Receita**  
Por João Rodrigues

**70 | Restaurantes**  
Por Fortunato da Câmara

**72 | Vinhos**  
Por João Paulo Martins

**74 | Recomendações**  
De "Boa Cama Boa Mesa"

**77 | Tecnologia**  
Por Hugo Séneca

**78 | Passatempos**  
Por Marcos Cruz

**80 | Expressinho**  
Toca a adiantar os relógios

## CRÓNICAS

**3 Pluma Caprichosa** por Clara Ferreira Alves | **64 Fraco Consolo** por Pedro Mexia

**82 Estranho Ofício** por Ricardo Araújo Pereira

A black and white close-up portrait of actress Isabel da Nóbrega. She has dark, voluminous hair with bangs and is looking directly at the camera with a neutral expression. Her hand is visible near her neck on the right side.

# E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2735  
28/MARÇO/2025

+

#### Cinema

Classe de 2025:  
a novíssima geração  
de atores portugueses  
Por Rui Pedro Tendinha

#### Entrevista a

**Garry Kasparov**

"A Europa tem  
de tomar decisões.  
Ou faz algo ou morre"  
Por Hugo Séneca

#### Televisão

"Adolescência",  
a série do ano  
Por Markus  
Almeida

**Isabel da Nóbrega**

## Toda a história da mulher que Saramago apagou dos livros

Por Christiana Martins